

**Ana Maria
Machado**

SILENCIOSA ALGAZARRA

Reflexões sobre livros e práticas de leitura


PUCPRESS

FTD

**Ana Maria
Machado**

SILENCIOSA ALGAZARRA

Reflexões sobre livros e práticas de leitura


PUCPRESS

FTD

©2021, Ana Maria Machado
2021, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

**Pontifícia Universidade Católica do
Paraná (PUCPR)**

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-Reitor

Vidal Martins

**Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e
Inovação**

Paula Cristina Trevilatto

PUCPRESS

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Revisão: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Diagramação: Rafael Matta Carnasciali

Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amassis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Ana Maria Machado publicou mais de cem livros. Suas obras foram traduzidas em vinte idiomas e distribuídas a 26 países. São cerca de vinte milhões de exemplares vendidos em pouco mais de 45 anos de carreira. Assim como a quantidade de livros, os prêmios conquistados ao longo de sua trajetória profissional também são muitos. Entre os mais importantes, estão o Prêmio Hans Christian Andersen (2000) e o Prêmio Machado de Assis (2001).

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

M149s Machado, Ana Maria
2021 Silenciosa algazarra : reflexões sobre livros e práticas de leitura / Ana Maria
Machado. – Curitiba : PUCPRESS, 2021. – 2. ed.
242 p.; 21 cm.

Inclui bibliografias

ISBN: 978-65-87802-85-5

ISBN: 978-65-87802-84-8 (e-book)

1. Leitura. 2. Compreensão na leitura. 3. Interesses na leitura. 4. Livros e
Leitura. I. Título.

21-092

CDD 20. ed. – 418.4

A primeira edição do livro *Silenciosa Algazarra* foi lançada pela Editora Companhia das Letras em 2011.

SUMÁRIO

Prefácio	5
Introdução	9

O PROCESSO SIMBÓLICO

A importância da leitura	13
Fronteiras: barreiras e travessias	26
Literatura e patrimônio: um depoimento pessoal	35

A MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Barrados no baile	43
Quando os livros conversam: presença de intertextualidades na literatura infantojuvenil contemporânea	56
Contador que conta um conto faz contato em algum ponto	67

A INFLUÊNCIA SOCIAL

Histórias em hospitais	113
Quem tem medo do medo alheio?	120
Alguns equívocos sobre leitura	135

O CARÁTER POLÍTICO

Pressões e expressão	159
Nas asas da liberdade	166
Independência, cidadania, literatura infantil	184

A FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO

Criação e crítica	199
Fugindo de qualquer nota	214
Diferentes e diferenças	225

Índice de nomes	237
-----------------------	-----



PREFÁCIO

Um caminho entre livros, leituras e gentes é o que percorre quem se aventura por este ***Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura.***

De tempos em tempos, os leitores de Ana Maria Machado se acostumaram a contar com a chegada de um livro como este, resultado dos percursos internos e externos da autora que, sem qualquer concessão a um certo otimismo infrutífero que muitas vezes aparece quando se trata das questões em torno dos livros para crianças e jovens, apresenta um conjunto de palestras e ensaios desenvolvido sem ocultar fontes e apontando possibilidades de leitura e aprofundamento a partir das numerosas referências que o alicerçam.

Como em todos os seus campos de atuação, a autora não apaga caminhos nem desmancha ou remove os andaimes da construção de seu pensamento: deixa-os aparentes, permitindo aos leitores que deambulem por eles em seu próprio tempo, subam também nas estruturas de apoio se assim quiserem, e, de lá de cima, olhem para o horizonte que se descortina ou para algum outro que conseguirem sonhar.

Ana Maria Machado tem sido, entre os intelectuais/artistas do presente no Brasil, aquela que mais tem se preocupado em construir, ao lado de uma obra literária muito expressiva, também um conjunto ensaístico vigoroso em que se debruça sobre aspectos muito amplos da chamada literatura infantojuvenil, lançando questões e tecendo ideias a partir da produção e especificidade das literaturas brasileira e latino-americana em suas relações com aquelas produzidas em outros quadrantes, considerando a complexa realidade em que essas literaturas se fazem e tentam se mostrar ao mundo.

Desde *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*, de 1999, Ana Maria Machado tem como ponto de partida essa “literatura que pode

ser lida por um grande número de pessoas”, para mostrar as engrenagens de que ela é parte e que, se compreendidas e pensadas em conjunto, podem levar uma sociedade a ser mais justa e melhor para os que nela vivem.

Sem se furtar a refletir sobre as imensas dificuldades que cercam as tentativas da construção de leitores, com obstáculos que precisam ser vistos, compreendidos e enfrentados para que o Brasil possa chegar a ser realmente um país de leitores, o resultado de cada um dos conjuntos de ensaios da autora é como um mapa norteador para aqueles que se dispõem a lutar.

Neste *Silenciosa algazarra* — título tão poético quanto melancólico, ao referir a alegria barulhenta que permanece calada nas estantes repletas de livros magníficos que esperam por nosso amadurecimento coletivo como comunidade leitora — sobressai a marca da generosidade de Ana Maria Machado, que tem aproveitado todas as suas oportunidades de falar, dialogar, escrever e trabalhar nos mais diversos fóruns, para defender a leitura literária como um direito incontornável, o oferecimento amplo de bons livros em bibliotecas públicas, abertas em horários amplos como necessidade social, a formação de professores leitores como caminho de transformação, e a adoção de conjuntos de medidas capazes de nos levar a ser o que tantas gerações sonharam sem conseguir ainda alcançar.

Ler este livro, pensar e agir a partir do que ele traz talvez seja a melhor maneira de seguir ao lado dessa autora que, tantas vezes ao longo dos anos, não apenas se definiu como uma “operária da palavra”, como, corajosamente, agiu em conformidade com isso.

Susana Ventura

Doutora em Letras pela USP,
pesquisadora e professora de literatura.





INTRODUÇÃO

É voz corrente que hoje em dia se lê menos do que antigamente. Apesar disso (ou por causa mesmo dessa impressão generalizada), parece que se publica como nunca e se fala em livro e leitura como jamais. Muito barulho por nada? Gritaria que ninguém ouve?

Nunca proliferaram tanto os encontros para discutir livros e leitura. Será mesmo que se lê menos? Ou os livros lidos são outros? Sobre tudo a leitura para jovens, que domina as listas de *best-sellers*, parecendo indicar que os títulos juvenis nunca se espalharam tanto por outras faixas etárias.

Por outro lado, a profusão de títulos novos que a cada semana invadem as livrarias e os números crescentes de vendagem dos livros de sucesso parecem indicar que qualquer impressão superficial da diminuição de leitura deveria ser verificada mais de perto, para conferência. É o que venho tentando fazer, há alguns anos, ao longo das oportunidades que têm surgido quando me convidam para dar palestras. Há uma década, por sugestão de ouvintes e editores, passei a reunir algumas delas e eventuais artigos sobre o tema em livros sucessivos: *Contracorrente* (1999), *Texturas* (2001), *Ilhas no tempo* (2004), *Balaio* (2007). É nessa linha que se insere este *Silenciosa algazarra*.

A maioria dos textos que compõem este volume surgiu a partir de encomendas feitas pelos próprios organizadores dos seminários, encontros, colóquios e congressos. Com frequência, tratando de políticas de leitura ou do lugar dos livros na educação. Desta vez, chamou-me a atenção a convergência de temas abordados em diferentes lugares — ora repetidos há anos, ora quase simultâneos. Coincidência? Falta de originalidade? Falta de leitura e informação por parte de quem devia ler o já publicado e dar um passo adiante? Não sei.

Em vez de resmungar sobre a mesmice, tratei de aproveitar elementos de uma conferência de um lugar para outro e, depois, refletir

sobre o fenômeno. Fiz uma primeira reflexão sobre isso em “Hospital da alma”, texto incluído em *Balaio*. Agora, eventualmente, volto ao tema, desde outro ângulo.

Devo também dizer algo sobre o título desta coleção de ensaios. Fui criada numa família de muitos irmãos e uma inacreditável quantidade de primos, e na infância palavras como *alarido* e *algazarra* sempre me trouxeram uma imagem de alegria espontânea, de todo mundo falando ao mesmo tempo em momentos de brincadeira e descontração. Feito bandos de pardais nas árvores, ao entardecer. Uma barulheira diferente da que hoje nos chega por meios eletrônicos, amplificada até níveis insuportáveis de decibéis. Quando pensei em estantes de livros com um número imenso de vozes querendo falar, a espera de serem ouvidas, todas com algo a dizer, mas sendo ignoradas, ocorreu-me muito nítida essa comparação com um alarido calado à força e uma alegria amordaçada pela ignorância. Então a uso. Apenas uma imagem, entre outras que já têm sido usadas para nossa relação com os livros. Agora, quase como uma elegia a essa fecunda algazarra que se desperdiça no silêncio das estantes.

Ana Maria Machado





O PROCESSO SIMBÓLICO

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA¹

João Ubaldo Ribeiro, um de nossos grandes romancistas, afirmou textualmente numa entrevista: “Deve-se ler porque é burrice não ler. Deve-se ler porque alguma estatística deve apontar que quem não lê é, em última análise, um burro. Não diria menos esperto, mas é mais burro do que quem não lê. E desfruta menos da vida”.²

Estamos tão acostumados a uma permanente atitude paternalista que a afirmativa de João Ubaldo chega a ser chocante. Um absurdo. Como se ele estivesse esquecendo que somos um país de coitadinhos... E os pobres dos analfabetos, a quem nossa estrutura social e todas as mazelas econômicas negam a chance de desenvolver o conhecimento das letras? E a falta de escolas? E a má qualidade do ensino (quando há escolas)? E a fome? E os efeitos da secular história de escravidão? E o latifúndio, que priva as pessoas da posse da terra? Etc. etc. Mas que falta de solidariedade e compaixão! Que alienação! Como é que um sujeito miserável, doente, mal e mal sobrevivendo de restos que cata no lixo, morando embaixo de uma ponte com a família em espantosas condições de higiene, tiritando de frio, vai poder se dar ao luxo de desfrutar de uma atividade assim tão elitista como a leitura?

Evidentemente, é irônico e exagerado pintar um estereótipo tão extremado. Mas as reações a observações corajosas e francas, que lançam desafios, como a de João Ubaldo, costumam ser meio parecidas com essas. Afinal, dá menos trabalho repetir clichês, *slogans* e frases feitas, prontinhas, embrulhadas numa linguagem aceita por todos, amarradas com a fita do pensamento dominante, quase único. É simples e não exige nenhum esforço disparar rótulos e carimbos, em vez de pensar e

¹ Texto apresentado no Encontro Nacional Crer para Ver, programa educativo da Natura em parceria com diversas entidades, São Paulo, novembro de 2008.

² Jornal *Rascunho*, Curitiba, outubro de 2008.

analisar para ver até que ponto o romancista baiano pode ter alguma razão no que diz. Podia estar meio irritado para responder assim. Talvez... Mas será que não tem motivos para uma certa irritação com uma certa hipocrisia geral? Então proponho uma tentativa de relevar a irritação de João Ubaldo. Mais que isso, proponho uma correção. Em vez de atribuir o descaso com livros à burrice, vamos atribuí-lo à ignorância. E vamos começar a discussão do assunto com uma formulação mais amena: não ler é sinal de ignorância. E, para não trair completamente seu pensamento, temos de admitir que fugir da leitura ou questionar sua importância também se confunde um pouco com falta de inteligência. Até mesmo num círculo vicioso: quem não lê não desenvolve a própria inteligência e vive na ignorância. Então, nem desconfia de como é importante ler. E vai se mantendo cada vez mais ignorante, enquanto perde as oportunidades de crescer intelectualmente e estimular a expansão da própria inteligência. Um desperdício, tanto para quem já era muito inteligente mesmo sem ler como para quem não era.

Outra coisa: para começo de conversa, sinceramente, devemos também admitir que ele não estava falando do indigente sem teto, debaixo do viaduto. Não é esse estereótipo que se tem em mente quando se fala em crise da leitura ou se pergunta a alguém por que se deve ler. Afinal, ninguém tem dúvida alguma sobre a importância da leitura entendida como capacidade de decodificar os sinais escritos e habilitar o cidadão a compreender aqueles signos, formar sílabas, reconhecer palavras, decifrar frases e conceitos. Não se questiona a importância da alfabetização para a cidadania. E, quando se levanta num debate a questão da importância da leitura, ninguém está pondo em dúvida a relevância de que se saiba ler para poder reconhecer numa placa o nome de uma rua, ou o itinerário de um ônibus, ou para poder ler o manual de instruções de uso ou montagem que acompanha um eletrodoméstico recém-adquirido. Essas utilidades imediatas e visíveis são devidamente valorizadas, até mesmo porque um empregado analfabeto é muito despreparado, passa a ser um obstáculo ao desenvolvimento dos projetos de patrões e poderosos. Então, saber ler para conseguir ser bem-mandado e cumprir melhor suas tarefas profissionais é amplamente incentivado. Ninguém tem dúvidas sobre a importância da leitura nesses casos.

É outra a leitura que tantas vezes parece não ter importância e que, por isso, tem sua significação questionada e debatida nas insistentes perguntas feitas por jornalistas em entrevistas a escritores ou pelas sugestões de tema dadas por organizadores de congressos e seminários. É a leitura de jornais, revistas, principalmente livros, a leitura daquilo

que faz crescer. Tanto a leitura de informação aprofundada, que aumenta os conhecimentos, como a de literatura — sobretudo esta. Da primeira, é voz corrente dizer (com um ar superior e cheio de si, como se fosse verdade) que hoje em dia ela ficou inteiramente dispensável, substituída por meios de informação mais rápidos e eficientes, como a televisão ou a internet. Da literatura, desconfia-se porque se diz que ela é elitista, um luxo, coisa de intelectual de óculos que não faz sucesso na hora de namorar, algo que não tem nada a ver com a vida das pessoas, toma tempo de atividades mais interessantes e outras bobagens no gênero.

O fato inegável é que não somos mesmo um país leitor, por mais vergonhoso que isso possa ser. Até porque fomos um país de escravos, essa, sim, a vergonha maior de todas.

Trata-se de muito mais do que mera coincidência. A alfabetização entre nós chegou muito tarde. Na imensa maioria das casas brasileiras, a capacidade de ler é conquista de uma ou duas gerações mais recentes. No máximo, três. Afinal de contas, apenas há pouquíssimo tempo conseguimos que 98% das crianças em idade escolar tivessem condições de acesso às salas de aula. E muitas vezes com uma qualidade de dar dó, somente um calendário fajuto construído em torno da hora da merenda, esses milhões de refeições servidas diariamente que, não sendo alimento para o espírito, não têm sua importância questionada por ninguém. Nenhum jornalista faz perguntas sobre a importância da comida. Nenhum congresso de especialistas em saúde se reúne para discutir se ainda faz sentido comer nos dias de hoje, quando a tecnologia já é capaz de inventar formas muito mais diretas e simples de alimentação — basta pensar nos *kits* que a NASA desenvolve para os astronautas. Então, felizmente, como a merenda escolar não precisa defender de público sua importância, pela boca de especialistas, ela não sofre ameaças. Assim, em torno a essas refeições, os alunos ficam mais umas três horas e meia no colégio — isto é, quando os professores não faltam e eles não são mandados para casa. E não vamos nem lembrar o número de feriados e a multiplicação de greves. Em outros países, os estudantes ficam na escola em torno a sete horas por dia... No fim de um ano, passaram lá, tendo aulas, o dobro do tempo de nossas crianças. O dobro de oportunidades de aprender e crescer. Não é de admirar que o aproveitamento dos nossos alunos seja mais baixo no fim do mesmo número de anos de estudo.

Mas voltemos aos livros. Os ambientes domésticos brasileiros não se caracterizam pela intimidade com eles. Nem os apartamentos

modernos, oferecidos nos cadernos de classificados dos jornais com dezenas de tentações que vão de saunas a espaços *gourmet* — os quais são ao mesmo tempo sinais de *status* —, têm espaço para estantes de livros. No máximo, acenam com *racks* e *home theaters*. Isso não teria maior importância se nossas bibliotecas públicas fossem muitas, bem distribuídas pela cidade, bem equipadas, atraentes, com horários que não fossem de funcionalismo público e não coincidissem exatamente com a jornada de trabalho de cada um, dificultando a frequência a elas.

Essa falta de reconhecimento da importância da leitura, fruto de uma desconfiança em relação ao livro, é algo muito arraigado entre nós. Gera uma quantidade incontável de equívocos, pretextos para justificar o distanciamento que se procura manter da leitura de literatura, vista como algo quase ameaçador. Um variado elenco de bodes expiatórios.

O principal deles é o preço. É, livro no Brasil é caro mesmo. Por várias razões. Porque os custos são bancados por um número muito pequeno de exemplares, já que as tiragens são mínimas porque ninguém lê. Porque o país tem dimensões continentais e um sistema de fretes e transportes muito deficiente, que encarece tudo. Porque os salários são baixíssimos e eles assumem um percentual elevado, ao lado das despesas essenciais — mas as pessoas tomam cerveja, compram CDs, alimentam com suas compras uma rede de contrabandistas, de camelôs que vendem quinquilharias e bugigangas chinesas totalmente dispensáveis. E também porque as compras governamentais de livros exigem preços tão baixos, tão aviltados em seus editais, que os editores se veem obrigados a compensar aumentando o preço dos livros que não estão sendo vendidos ao governo, para não irem à falência. É no que dá, esse paternalismo de ficar fazendo cortesia com chapéu alheio, como se dizia antigamente. Ou anunciar como realização de governo algo que é bancado por editores, autores e ilustradores, forçados a ceder em níveis inacreditáveis e diminuir a remuneração do seu trabalho. Mas, se fosse verdade que brasileiro não lê porque o livro no Brasil é caro, então as bibliotecas públicas — que não cobram um tostão — estariam cheias de leitores disputando livros, pegando-os emprestados, levando para casa. Já vi filas em bibliotecas no México. Em Oaxaca, por exemplo, onde elas ficam abertas e lotadas até as dez da noite. No Brasil, nunca. Só não vivem às moscas porque os alunos que não têm onde estudar ocupam suas mesas para fazer o dever escolar.

Melhor encarar a realidade. Lê-se pouco no Brasil porque não se acha que ler é importante, não se tem exemplo de leitura, existe a sensação de que livro é uma coisa difícil, trabalhosa, não compensa o

esforço. Só se faz obrigado. Um sacrifício penoso, feito andar em esteira de ginástica para cumprir recomendações médicas e perder peso, como já disse alguém em alto cargo, esquecido do mau exemplo que suas palavras vinham consagrar.

No entanto, a realidade cotidiana, ao longo da vida, me ensinou outra coisa. Se é verdade que não é comum que um adulto que nunca leu consiga, de repente, do nada, descobrir as delícias da leitura, também é verdade que não conheço um único caso de criança alfabetizada que, tendo acesso a livros bons e interessantes, deixe de encontrar algum que a atraia muito e, a partir daí, queira ler mais e mais, sem parar. A curiosidade é instintiva. A constatação do encantamento, advinda do alimento da imaginação e do prazer da inteligência em atividade, garante o resto.

Embora só por muito pouco tempo eu tenha trabalhado diretamente com alunos pequenos numa sala de aula, tive outros contatos com crianças — afora as de uma família numerosíssima e com uma constelação de amigos de todo tipo. Eu tive uma livraria infantil por dezoito anos. Num bairro carioca de classe média, ao lado da Rocinha, uma das maiores favelas do Rio de Janeiro. Tínhamos lá uma caixa de livros usados, bem baratos, o sebinho — atração segura para qualquer um que quisesse levar para casa uma leitura a preço de banana ou trocada por outro livro. Além de tudo o que podia ler ali mesmo na livraria, sentado a uma das mesinhas ou nas almofadas, sem que ninguém atrapalhasse. No meio desse vasto público, de diferentes idades e histórias pessoais e sociais bem distintas, nunca encontrei uma criança que não se interessasse por algum livro — desde que deixada à vontade numa situação de acesso fácil. As preferências podiam variar, o que uma gostava não era o que outra queria. Mas, com tempo e oportunidade, todas sempre acabavam se sentindo chamadas por algum livro, que as levava a outros.

Por isso, passei a fazer a comparação que não me canso de repetir. Ler é como namorar. Muito gostoso. Quem acha que não gosta é porque ainda não encontrou seu par. Deixe aquele de lado e experimente outro, e mais outro, até sentir prazer, deixando-se levar pelas novas delícias descobertas e exploradas.

Mas as coisas ficam difíceis quando os livros são apresentados aos leitores como dever e obrigação por adultos de tocaia, à espreita, preparados para depois fazer montes de perguntas e cobranças e que não descobriram, eles mesmos, as alegrias e emoções da leitura. Nesse caso, as crianças ficam na defensiva. Paralelamente, para racionalizar, se

desculpar e tirar a culpa dos próprios ombros, tais adultos começam então a desenvolver uma série de explicações mambembes que se transformam nas mais mirabolantes hipóteses. Todas contribuem para lançar dúvidas sobre a importância da leitura e insinuar que ler literatura não faz mais sentido hoje em dia.

Não somos originais nisso. Na Itália, durante o governo fascista de Mussolini, foi feita uma reforma educacional que descaradamente propunha dois tipos de educação. Sem disfarces nem máscaras, já que era uma ditadura mesmo... Haveria um ensino mais profissionalizante e técnico, menos exigente, de cunho informativo, para as camadas de menor poder aquisitivo da população. E um ensino mais humanista, clássico, formativo, que incluísse filosofia, literatura e artes, chamado de “educação completa”, destinado às classes mais altas. O objetivo confessado era possibilitar que a base da pirâmide social adquirisse mais rapidamente as ferramentas de trabalho que lhe permitiriam ganhar a vida com seus ofícios. Essas “boas intenções” não enganaram a todos. Na ocasião, um pensador do porte de Antonio Gramsci percebeu muito bem do que se tratava e se rebelou contra essa ideia, denunciando-a. Para ele, era fundamental que todos tivessem assegurado seu direito ao que chamava de “um ensino desinteressado”, capaz de desenvolver nas crianças uma intuição do mundo. Gosto muito dessa expressão dele, porque nos aponta que o outro tipo de ensino é interessado, busca atingir seus próprios interesses. E lembra que tais interesses são parciais e não são justos.

Para Gramsci, uma estratégia clara de justiça passa pela necessidade de dar às classes menos favorecidas os elementos para que elas possam conhecer a si mesmas e se apropriar dos códigos culturais dominantes, a fim de poder se libertar da mesmice repetitiva e do assentimento dócil que caracteriza um rebanho, baseado apenas no sentido comum tradicional, e substituí-los por um espírito crítico inventivo, capaz de argumentar, refutar, discutir e formular seus próprios anseios. E isso só se consegue por meio de uma educação humanista, que presuponha o contato com as artes, e num contexto em que a literatura desempenhe um papel preponderante. Sem leitura de literatura, tal objetivo não passa de um sonho distante e impossível.

Toda forma de conhecimento é importante e significativa. Como todas elas, a literatura também tem relevância. Mas, sendo uma arte — e uma arte que utiliza um meio que está ao alcance de todos os indivíduos, ou seja, as palavras, a linguagem —, ela é uma forma de conhecimento muito particular. Permite perceber os aspectos mais sutis da

realidade e aos poucos vai habilitando a expressar essa percepção. Pode não ensinar a ver o mundo, porém ajuda a compreender de que maneira ele existe. Mais ainda, possibilita perceber de que outras maneiras diversas essa realidade pode ou poderia existir. Permite entender outras formas de encarar o mundo, mas também, concreta e afetivamente, permite entender as pessoas que o encaram de modo diferente do nosso.

O poder da literatura para conseguir isso é estupendo, maior que o de qualquer outra forma de conhecimento. Ao se apresentarem como uma construção imaginária, um romance ou um poema têm uma capacidade assombrosa, quase mágica: nos fazem viver outra vida sem que abandonemos a nossa. Ou seja, nos possibilitam estar profundamente no lugar de outras pessoas — os personagens no caso das obras de ficção, como romances e contos, ou os estados de espírito mais difusos não necessariamente encarnados em alguém, no caso de poemas. Outras formas de narrativa — como os filmes ou as telenovelas — também nos dão a oportunidade de imaginar outras vidas e vivenciar outras realidades psicológicas. Mas, como elas nos mostram o que está acontecendo, as oportunidades que nos oferecem para o desenvolvimento da imaginação são mais limitadas. Não apenas sabemos que cara têm os personagens ou em que cenários se movimentam, mas também vamos sendo conduzidos a ver aquilo que o diretor nos mostra. A liberdade que a literatura oferece é de outro tipo e joga sobre nossos ombros a responsabilidade e o prazer de completar a obra.

Na leitura de literatura se estabelece um pacto inconsciente entre o texto e o leitor, em que este é levado a suspender sua descrença e a embarcar num mundo de outro tipo, numa outra dimensão, que não é a de sua realidade cotidiana mas ajuda a iluminá-la. Depois da leitura, o leitor volta a essa realidade transformado. Tal efeito não se consegue apenas com uma atitude passiva, mas com um trabalho mental e imaginário ativo, intenso, por vezes dificultoso: a atividade intelectual que permite a construção imaginária simultânea de outros roteiros possíveis, paralelos ao que se está lendo.

O escritor argentino Jorge Luis Borges certa vez se referiu à literatura com uma metáfora, dizendo que ela é um jardim de caminhos que se bifurcam. A cada encruzilhada o leitor tem que decidir por onde vai. Vai imaginar aquele personagem com que aspecto? Alto ou baixo? De bigode ou de cara lisa? Às vezes ele já vem descrito com precisão, mas mesmo assim cada leitor lhe dá uma cara diversa. Além do mais, é necessário imaginar seu olhar, suas qualidades, seus defeitos escondidos, suas fraquezas e formas, seu possível roteiro. Que será que ele

vai fazer? Essas coisas que ele está dizendo... serão verdadeiras ou ele está mentindo? Num livro como *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, por exemplo, vou acreditar piamente quando Bentinho nos conta que Capitu o traiu com seu melhor amigo? Ou será possível duvidar da palavra dele e com isso ler outra história, a de um louco que aos poucos vai se convencendo daquilo que imagina mas que não aconteceu? Cada nova frase traz novos caminhos possíveis, novas escolhas imaginárias, novas encruzilhadas.

Outro grande escritor, o italiano Umberto Eco, foi mais adiante. Constatando a multiplicidade infinita de opções apresentadas pela leitura de literatura, desenvolveu a ideia de Borges, sustentando que apenas um jardim não dá conta da riqueza de possibilidades abertas pela literatura. Comparou ler a fazer um passeio pelos bosques da ficção. *Não é* um caminho rápido e direto para chegar a algum lugar, mesmo que cheio de desvios possíveis a cada encruzilhada. Pelo contrário, é um convite a um certo vagar, em que as bifurcações possíveis de cada trilha se multiplicam (afinal, contornar uma árvore por um lado ou pelo outro já é estar diante das tais encruzilhadas a que Borges se referia, e as árvores de um bosque são incontáveis). Cada detalhe chama nossa atenção para algo inesperado: uma bromélia aqui, um passarinho ali, um bando de borboletas, uma colônia de insetos fervilhando debaixo de um toco, o esqueleto de uma folha seca e desidratada, uma teia de aranha com gotas de chuva etc. É muito fácil nos perdermos no puro prazer. Mas, apesar disso, não nos perdemos. Porque estamos sendo induzidos pela estratégia narrativa do autor, que nos oferece todas essas tentações atraentes e constrói infinitas belezas ao longo do caminho, porém vai nos levando sempre rumo ao seu objetivo, estruturalmente concebido, embutido no texto. Com esse mecanismo em ação, os textos literários por um lado nos dão uma imensa liberdade de irmos para onde quisermos e bem entendermos, enquanto, por outro, nos dão uma segurança inconsciente de que não ficaremos perdidos lá dentro. Podemos experimentar o que quisermos enquanto lemos, mas não vamos naufragar nem nos perder na floresta. Acabaremos chegando a um refúgio.

Esse duplo movimento, de exploração e de construção de sentido, é parte intrínseca da leitura como atividade. Joga com um mecanismo duplo e simultâneo. De um lado, é uma oportunidade de libertação da imaginação com todo o seu potencial, com seu patrimônio de tudo o que existe, existiu ou poderia existir. De outro, é uma busca de sentido,

encarna o desejo de alguma unificação lógica daquelas imagens segundo uma intenção racional — como tão bem define Italo Calvino em suas *Seis propostas para o próximo milênio*.

Essa tensão, entre uma tendência expansiva que explode em infinitas possibilidades imaginativas e uma tendência contrativa de elaboração de significados, é a companhia permanente da leitura de literatura. Só que nem nos damos conta de tais movimentos, tamanho é o prazer para o qual essa leitura nos arrasta quando respondemos ao seu desafio e não fugimos dela com medo, preguiça ou nos sentindo inferiores e incapazes, intimidados pelo estranhamento diante de linguagem que imaginamos superior ou distante — por não estarmos acostumados a ler e nos sentirmos algo perdidos nesse território ou dele excluídos. Mas quem já se familiarizou com ele e o percorre com naturalidade, usa metáforas que remetem a ideias muito prazerosas para falar da leitura. Clarice Lispector a chamou de felicidade clandestina. Jorge Luis Borges disse que imaginava o paraíso como uma biblioteca infinita. Virginia Woolf confidenciou, numa carta, que às vezes achava que o céu deve ser uma longa leitura contínua, sem que a gente nunca se canse. Montaigne, cercado de livros, fazia questão de ter como lema de vida o lembrete de que não fazia nada sem alegria. Katherine Mansfield, que garantia não haver maior alegria que a de ler, confessou de forma simples algo que todo bom leitor conhece: “Quanto mais leio, mais quero ler”. Já houve também quem se referisse ao livro como o guardião de um grito silencioso que anuncia um tesouro adormecido, ouvido apenas pelo leitor que o lê e com quem ele fala, assim se revelando. Essas várias comparações enfatizam noções como prazer, satisfação, intimidade, descoberta, privilégio, revelação, deslumbramento, liberdade.

De um modo geral, a atitude da educação brasileira em relação à leitura de literatura não tem sido capaz de permitir que os alunos vislumbrem as riquíssimas possibilidades dessa algazarra silenciosa e alegre, guardada nas estantes. No máximo, os responsáveis estão preocupados em desenvolver o “hábito da leitura”, como se se tratasse de algo semelhante a escovar os dentes ou levantar às seis da manhã. As atividades se concentram em leituras obrigatórias, com a atenção voltada para a necessidade de depois responder a umas perguntas chatíssimas, policiaiscas, sem pé nem cabeça, só para verificar o que o aluno esqueceu. Parecem uma sucessão de pegadinhas, e ninguém em sua saúde emocional pode gostar de ser submetido a isso. Elas não tratam de expor o

aluno ao entusiasmo da leitura, à alegria dos encontros com livros, por intermédio de professores leitores, apaixonados, capazes de contagiar com esse gosto quem está à sua volta.

Não é de espantar. A formação dos professores não lhes dá a oportunidade de ter contato com a experiência estética, de apreciar em si mesmos os efeitos do convívio com as artes, de vivenciar as emoções intensas e densas que elas podem lhes propiciar, de sentir o arrepio do encontro súbito com o lampejo de beleza criado pelas obras artísticas ou a exaltação de ir aos poucos descobrindo pelo exercício da inteligência a complexa rede de significações que um texto pode ter, à disposição deles, para que as incorporem e as tornem suas para sempre. Em sua capacitação profissional, num país onde já não havia livros nem leitores em casa, esses professores não têm oportunidade de se converter em leitores de primeira geração nem de descobrir a literatura com a intensidade de seu efeito mobilizador emocional e intelectual. Não é culpa deles se, nessas condições, acham que podem, perfeitamente, viver sem ler literatura e que ela não faz a menor falta a ninguém. Além de tudo, estão inseridos num sistema em que raramente os diretores, coordenadores, funcionários das secretarias de Educação etc. costumam ler para si mesmos, para sua própria fruição de algo bom a que têm direito.

E mais: em tal processo perverso e distorcido, todas essas instâncias acreditam ser possível despertar nos alunos o gosto pela leitura quando elas mesmas não o têm. Por si só, isso já é grave. Mais grave ainda — e não sei até que ponto não será irreparável — é ver políticas educacionais consagrando esse modelo, políticas de leitura sendo formuladas por profissionais que não leram nem meia dúzia de obras literárias em um ano, para seu próprio deleite (simplesmente porque adoram ler e não conseguem viver sem fazê-lo. E porque, sonho meu, são cercados por pessoas que amam e que falam de livros em suas conversas, despertando seu interesse pela troca de ideias a respeito). Sem isso, as dificuldades se tornam muito maiores. Talvez intransponíveis, se não forem corrigidas a tempo — ai de nós.

Com certeza, a maior ferramenta educativa é o exemplo. Os filhos aprendem vendo o que os adultos fazem. Tanto nas outras espécies como na nossa. Se não veem os professores lendo, se jamais os ouvem comentando um livro com empolgação, recomendando uma leitura, ou criticando um texto com conhecimento de causa, registram

o inevitável: que todas aquelas palavras eventuais sobre leitura são falsas e vazias. Puro blá-blá-blá. Como quem diz: “Você precisa comer chuchu e repolho” mas só come biscoito, doces e frituras na presença das crianças. E depois não sabe por que elas não querem comer frutas, legumes e verduras.

Costumo dizer que um instrutor de natação tem de saber nadar. Se ficar apenas à beira da piscina dando explicações teóricas, ninguém aprende. Da mesma forma, nenhum bailarino aprende sem ter visto alguém dançar. Quem não costuma ler não deveria fingir que está estimulando a leitura, porque no fundo nem sabe para que lado isso fica e acaba mais atrapalhando do que ajudando.

O problema é que, por uma série de distorções, saímos de uma fase histórica em que não havia oportunidade alguma para aprender e caímos em outra na qual as oportunidades existem mas são desperdiçadas devido a um modismo paralisante, que consiste no elogio à ignorância, como se isso fosse uma forma de solidariedade com os menos favorecidos. São os líderes ou celebridades em evidência que insistem em dizer que ler é um sacrifício, ou que livro é coisa de uma gente metida a intelectual que não entende o povo, ou que não é preciso ler para subir na vida, ou que a literatura não tem nada a ver com a realidade das pessoas. Ou então, são os formuladores de políticas educacionais que acham que ler literatura deve começar por uma obrigação de dar conta de uma lista de clássicos do século XIX, que podem ser maravilhosos mas têm uma linguagem absolutamente distante daquilo que um leitor iniciante é capaz de decodificar — e não se dão conta de que adolescentes que leram muito pouco *ainda* são leitores iniciantes. Ou não percebem que, para entender textos um pouquinho complexos, é necessário entender a lógica da construção de frases e que isso se consegue passo a passo, não cai do céu de uma bora para outra. Ou ainda, é o velho paternalismo dos demagogos e populistas, que só conseguem ver o sentido literal e superficial das coisas, confundem arte com jornalismo, imaginam que o que importa numa obra é o assunto, achando que os alunos só devem ler o que é escrito por eles mesmos ou por pessoas em circunstâncias muito parecidas com as suas, vivendo experiências quase idênticas em comunidades semelhantes.

Com isso perdem-se as fantásticas oportunidades de enriquecimento de experiências e de abertura de horizontes que a literatura

pode trazer. São pessoas, por exemplo, que acham que livro só pode ser espelho ou foto instantânea, jamais janela ou imagem de sonho. Assim, decretam que contos de fadas ou textos estrangeiros não têm nada a ver com a realidade brasileira, e nem percebem que a fome, o abandono e a exploração infantil têm sido tratados com uma contundência terrível em textos como “João e Maria” ou “O Pequeno Polegar”, e também em obras como os romances *Os miseráveis*, do francês Victor Hugo, ou *Oliver Twist*, do inglês Charles Dickens (e por autores brasileiros do porte de Jorge Amado). Ou não se dão conta de que o autoritarismo patriarcal, os maus-tratos contra as mulheres e a violência doméstica são o cerne de uma história como “Barba-Azul”. Que o assédio sexual dentro do núcleo familiar é o ponto de partida para “Pele de asno”. Que a situação dos operários em luta por melhores condições de trabalho, tal como contada pelo francês Émile Zola, ou a da exploração dos mineiros de carvão, narrada pelo inglês D. H. Lawrence, transcendem suas fronteiras de tempo e de espaço. Que não há reportagem que consiga dar ideia do universo e da marginalidade de um doente mental vagando pelas ruas brasileiras com a força e a contundência das páginas literárias que encontramos em *Diário de um louco*, do russo Gogol, ou na obra de William Faulkner, quando ele conta sua história do ponto de vista de uma mente perturbada. Ou que a vida dura dos camponeses que nos chegou em narração dos romancistas russos ou de um americano como John Steinbeck em *As vinhas da ira* tem muito mais a ver conosco e com nossos sem-terra do que dezenas de volumes cheios de *slogans* e palavras de ordem concebidos por uma militância distante da literatura, mais carregada de ressentimentos que de verdadeira compaixão e solidariedade humana. Para não falar nos retratos que de nós mesmos e de nossas mazelas sociais nos dão autores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Lima Barreto, Aluísio Azevedo e mais uma imensa lista. E tantos outros exemplos de textos literários que podem colaborar para inserir o leitor num contexto mais amplo e situá-lo como detentor de um patrimônio universal muito além das fronteiras do seu bairro ou daquilo que consegue ver dentro dos limites do que sua vista alcança de sua janela hoje e que já costuma também ser mostrado nos noticiários.

Isso me leva a abordar a questão por outro ângulo. É importante lermos literatura porque ela é um patrimônio nosso, que herdamos de

toda a humanidade e vem sendo acumulado há milênios. Temos direito a ele. Não há por que agora desprezarmos um tesouro desses sem mais nem menos e dispensarmos uma herança tão rica e opulenta em nome de uma concepção imediatista e utilitária do papel que deveria ter a criação artística. Não faríamos isso dessa forma, assim com tanta displicência e descaso, se se tratasse de uma herança material — dinheiro, joias, terras, uma casa... Não há por que jogarmos no lixo do esquecimento o que a humanidade acumulou em tantos séculos, apenas porque se trata de um patrimônio imaterial.

Além do mais, a leitura abre os horizontes mentais e emocionais de uma forma fantástica. Faz nossa inteligência crescer e permite que nossa passagem pelo mundo seja mais útil para nós mesmos, nossa família, nossa comunidade, nossa sociedade, toda a espécie humana. Por um lado, isso colabora para maiores possibilidades de sermos felizes. Por outro, ao nos permitir vivenciar experiências que não são nossas, a leitura de literatura nos dá uma estupenda oportunidade de estar na pele dos outros.

Essa vivência do outro em profundidade, importantíssima, não apenas nos ajuda a não enfrentarmos sozinhos situações existenciais muito difíceis, ao vermos como os diferentes personagens se saíram delas, ou a aprendermos com experiências alheias, ainda que imaginárias, na maioria das vezes. Mas também tem um sentido político: é fundamental para a democracia. Permite entender em que cada um de nós é diferente do outro e nos ensina a respeitar essas diferenças. Chegar perto do próximo.

Em suma, a leitura de bons livros, além de toda a força da experiência estética vivida, de intenso conteúdo emocional, nos dá algo extraordinário: ensina a tolerância a cada indivíduo e nos facilita o convívio com a diversidade cultural e social. Mas também permite perceber quanto, no fundo, nós somos semelhantes e irmãos, nos mais diversos contextos culturais e históricos. Com isso, ajuda a diluir ressentimentos e evitar a propagação de equívocos sobre os quais se constroem animosidades e ódios — e até se travam guerras ou se “justificam” agressões.

Se para mais nada servisse a leitura de literatura, se não trouxesse nenhum benefício a cada um de nós individualmente, apenas isto já bastaria para entendermos a importância dessa leitura: ela pode nos tornar mais humanos e mais irmãos.

“Toda forma de conhecimento é importante e significativa. Como todas elas, a literatura também tem relevância. Mas, sendo uma arte — e uma arte que utiliza um meio que está ao alcance de todos os indivíduos, ou seja, as palavras, a linguagem —, ela é uma forma de conhecimento muito particular. Permite perceber os aspectos mais sutis da realidade e aos poucos vai habilitando a expressar essa percepção. Pode não ensinar a ver o mundo, porém ajuda a compreender de que maneira ele existe. Mais ainda, possibilita perceber de que outras maneiras diversas essa realidade pode ou poderia existir. Permite entender outras formas de encarar o mundo, mas também, concreta e afetivamente, permite entender as pessoas que o encaram de modo diferente do nosso.” (Trecho de *Silenciosa algararra*, p. 18-19)




PUCPRESS

